

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

**CAMILA NIERO NAZÁRIO**

**A ILUSTRAÇÃO NARRATIVA: CONTANDO HISTÓRIAS COM DESENHOS**

**CRICIÚMA**

**2012**

**CAMILA NIERO NAZÁRIO**

**A ILUSTRAÇÃO NARRATIVA: CONTANDO HISTÓRIAS COM DESENHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharelado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato

**CRICIÚMA**

**2012**

**CAMILA NIERO NAZÁRIO**

**A ILUSTRAÇÃO NARRATIVA: CONTANDO HISTÓRIAS COM DESENHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa Processos e Poéticas

Criciúma, 26 de Junho de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Aurélia Regina de Souza Honorato - Mestre - (UNESC) - Orientador

Prof. Angélica Neumaier - Especialista - (UNESC)

Prof. Odete Angelina Calderan - Mestre - (UNESC)

**A todos que reservam um espaço da sua vida para a imaginação e o desenho.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, por me incentivarem a continuar desenhando e estudando, e pelo apoio financeiro no período em que eu não podia mais pagar a faculdade. Agradeço também aos meus amigos, que me alegraram e proporcionaram momentos de descontração quando eu estava bastante frustrada e nervosa com relação ao meu TCC, e me emprestaram livros que foram de grande ajuda. Agradeço a Aurélia, minha orientadora, pela ajuda, paciência e por me apaziguar nos momentos de desespero. Agradeço a professora Angélica e a professora Odete por aceitarem fazer parte da minha banca avaliadora. Também agradeço a professora Odete por ceder uma aula para a minha oficina, tornando esta pesquisa possível. Agradeço a todos os participantes da oficina pela colaboração com a minha pesquisa. Por fim, agradeço ao Bruno, por me apoiar nesta jornada mesmo discordando de tudo que eu falo, penso ou faço.

**“Depois, por súbito silêncio tomadas,  
Vão em fantasia perseguindo  
A criança-sonho em sua jornada  
Por uma terra nova e encantada,  
A tagarelar com bichos pela estrada (...)”**

**Lewis Carrol**

## RESUMO

Quais as possibilidades de imaginação do espectador a partir de uma narrativa em desenho? Esta é a pergunta que deu origem a esta pesquisa. O seu objetivo é investigar a imaginação e suas possibilidades manifestadas em textos, que por sua vez tiveram suas origens a partir da observação de uma série de desenhos. Para a concretização do trabalho, foi feito um levantamento bibliográfico sobre arte, desenho ilustração e imaginação. Também foi realizada uma pesquisa de campo com um grupo com cerca de 20 pessoas, onde foi pedido que cada uma escrevesse uma história sobre os desenhos que compõem a minha obra. Além de produzir a obra que foi utilizada na oficina, outro objetivo deste TCC é o de ampliar os conceitos de desenho e ilustração. Os textos foram analisados e relacionados aos assuntos do referencial teórico. Assim pude perceber como se dá a leitura de imagens, e a importância de uma ilustração feita não somente com a intenção de decorar o texto, mas também estimular a imaginação para que o leitor vá além do que lhe é apresentado e crie suas próprias narrativas.

**Palavras-chave:** Arte. Desenho. Ilustração. Imaginação.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – PRIMEIRO DESENHO – CAMILA NAZÁRIO.....	15
FIGURA 2 – SEGUNDO DESENHO – CAMILA NAZÁRIO .....	16
FIGURA 3 – TERCEIRO DESENHO – CAMILA NAZÁRIO.....	17
FIGURA 4 – QUARTO DESENHO – CAMILA NAZÁRIO .....	17
FIGURA 5 – PRIMEIRO DESENHO FINALIZADO – CAMILA NAZÁRIO.....	18
FIGURA 6 – SEGUNDO DESENHO FINALIZADO – CAMILA NAZÁRIO .....	19
FIGURA 7 – TERCEIRO DESENHO FINALIZADO – CAMILA NAZÁRIO.....	19
FIGURA 8 – QUARTO DESENHO FINALIZADO – CAMILA NAZÁRIO.....	20
FIGURA 9 – CAPA DO LIVRO “UMA IDEIA TODA AZUL” – MARINA COLASANTI	29
FIGURA 10 – CAPA DO LIVRO “O SAPO A RAINHA E O MAIOR DOS SENTIMENTOS – O AMOR!” .....	30
FIGURA 11 – ILUSTRAÇÃO PARA O LIVRO DE CARMEN NEVES – CAMILA NAZÁRIO.....	31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>3 ARTE .....</b>	<b>22</b>
<b>4 DESENHO.....</b>	<b>25</b>
<b>5 Ilustração e uma Experiência Própria.....</b>	<b>28</b>
<b>6 Imaginação .....</b>	<b>35</b>
<b>7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>39</b>
<b>8 Considerações finais.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Acredito que todo mundo seja, ou alguma vez já foi, um criador de mundos. Criamos mundos secretos dentro da nossa mente. Planetas nascidos de um big bang de imaginação onde somos os protagonistas de intrigantes histórias e podemos viver aventuras fantásticas, impossíveis no mundo real. Foi tentando mostrar o meu mundo imaginário para as pessoas que comecei a desenhar.

No começo, quando eu tinha uns quatro anos de idade, lembro que desenhava princesas e fadas (que na época ainda pareciam insetos de vestido e coroa), depois começou minha paixão por cavalos e unicórnios e comecei a desenhá-los também, não só em folha de papel, mas em qualquer superfície plana, fosse chão, parede ou porta de guarda-roupas para o desespero de minha mãe (que apesar de limpar toda a sujeira, nunca me pediu para parar de desenhar). Esses personagens eram todos habitantes do meu mundo, rabiscados continuamente numa tentativa de fazê-los reais neste mundo também. Eram ilustrações de histórias imaginadas, e que nunca foram escritas. Assim surgiu meu gosto pelo desenho. Algum tempo depois, fui alfabetizada e comecei a ler os livros da biblioteca.

Antes de aprender a ler palavras, fazemos leituras de imagens. Assim, livros destinados ao público infantil são carregados de imagens coloridas, para atrair a atenção, e ajudar na compreensão da história que esta sendo contada. Algumas ilustrações muito bem produzidas chegam a ser consideradas obras de arte. No entanto, havia ilustrações que me decepcionavam, pois não eram compatíveis com a imagem que eu tinha produzido na minha cabeça.

Lembrando-me de minhas primeiras experiências com leitura de texto e de imagens, cheguei ao problema da minha pesquisa: Quais as possibilidades de imaginação do espectador a partir de uma narrativa em desenho? Outra questão importante que me ajudou a chegar a este problema de pesquisa foi a maneira como as pessoas dão significados aos meus desenhos. Na maioria das vezes bem diferentes dos que eu tinha pensado inicialmente quando fiz o desenho. Isso se tornou bastante preocupante quando realizei meu primeiro trabalho com ilustrações de livro infantil.

Além da questão central, esta pesquisa busca responder algumas outras perguntas: Quais os efeitos das ilustrações na imaginação dos leitores? Como os

símbolos dos desenhos são percebidos por diferentes espectadores? De que forma o desenho pode interagir com a imaginação? Até que ponto a escrita dos espectadores reflete o desenho? Foram estas as questões que deram um rumo nesta investigação.

Uma das etapas para a conclusão do TCC é a realização de uma obra artística. A minha obra é composta de quatro desenhos feitos a lápis e coloridos em um programa de computador que serão expostos juntamente com um livro contendo a escrita dos participantes de uma oficina. Durante a pesquisa, analisei os textos, observando como os elementos do desenho são percebidos por pessoas diferentes e assim tornando possível investigar as possibilidades de imaginação do espectador a partir de uma narrativa em desenho. O objetivo desta pesquisa não é medir a imaginação, pois se trata de algo imensurável, mas sim analisar diferentes textos, tornando possível uma análise da imaginação.

Com a minha pesquisa, também busco ampliar os conceitos de desenho, ilustração, arte contemporânea, imagem e imaginação e apresentar as relações existentes entre o desenho e a ilustração. Falo bastante da ilustração e da infância, mesmo sabendo que nem todos os livros ilustrados são destinados exclusivamente à crianças, mas acredito que a ilustração e a literatura infantil estão relacionadas pois uma dependeu da outra durante muito tempo, e ainda caminham lado a lado.

A pesquisa é dividida em sete capítulos. No primeiro capítulo apresento a metodologia utilizada neste trabalho, na produção artística e na oficina realizada. No segundo capítulo, os assuntos abordados são a arte e arte contemporânea, onde busco não apenas conceitos, mas também situar a pesquisa no mundo da arte. No terceiro capítulo, falo sobre desenho e a sua importância para mim, o que me levou a escolher esta técnica para a realização da obra. O quarto capítulo é destinado à ilustração, onde apresento um breve histórico, falo das ilustrações dedicadas à literatura infantil e sobre minha primeira experiência como ilustradora. No quinto capítulo falo sobre a imaginação e os processos envolvidos nela. Além disso, procuro esclarecer como a imaginação atua sobre as imagens visualizadas e dá origem a diferentes leituras da mesma. No sexto capítulo, são apresentados e analisados os textos produzidos durante a oficina, onde eu busco relacioná-los com as ideias dos autores presentes na fundamentação teórica. Por fim, o sétimo e último capítulo é dedicado à conclusão desta pesquisa e às considerações finais.

## 2 METODOLOGIA

Segundo Zamboni (2006, p. 51) uma pesquisa científica é “(...) uma busca sistemática de soluções com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano”.

O título da pesquisa é A Ilustração Narrativa: Contando Histórias Com Desenhos e tem como problema a pergunta: Quais as possibilidades de imaginação do espectador a partir de uma narrativa em desenho? O objetivo geral desta pesquisa é investigar as possibilidades de imaginação do espectador a partir de uma narrativa em desenho.

Os objetivos específicos são: produzir uma obra que utilize desenhos para incentivar a imaginação e a criação de histórias relacionada à imagem visualizada pelo observador, ampliar os conceitos de desenho, ilustração, arte contemporânea, imagem e imaginação, e apresentar as relações existentes entre o desenho e a ilustração. Esta pesquisa é uma pesquisa em arte e insere-se na linha de processos e poéticas do Curso de Artes Visuais Bacharelado.

Quanto à natureza é uma pesquisa básica. Quanto à forma de abordagem do problema, é qualitativa, pois não se preocupa com a quantidade de dados, e sim com a análise dos mesmos, buscando interpretações para seus significados. Do ponto de vista dos objetivos ela é classificada como exploratória, pois segundo Santaella (2001, p.147) “[...] tem por finalidade ampliar as informações do pesquisador sobre o assunto de sua pesquisa [...]”. Quanto aos procedimentos técnicos é bibliográfica e de campo, pois além de utilizar materiais teóricos já existentes, promoveu uma oficina direcionada a um grupo de cerca de 20 pessoas cuja proposta foi de que cada um criasse uma história a partir de uma série de desenhos.

A minha obra, como já foi mencionado, é uma série de quatro desenhos feitos por mim, que contam uma história, porém sem ordem cronológica, podendo assim ser organizados da maneira desejada pelos participantes da oficina.

### 2.1 OBRA

A primeira proposta para a realização da minha obra foi a de um livro escrito e ilustrado por mim, mas logo mudei de ideia, porque não tenho muita experiência com escrita e devido a minha insegurança nesta área o resultado final não ficaria muito bom.

Depois pensei em fazer uma grande pintura de uma cena de uma história ou conto de fada, mas ainda assim ela precisaria ser acompanhada de texto para ser uma ilustração. Decidi então que a obra deveria ter um nível de interação com os espectadores, que eles seriam os autores das muitas histórias que se formariam na imaginação de cada um. Estas histórias viriam em uma atividade realizada durante uma oficina, onde além de pedir para que escrevam sobre os desenhos falei sobre a minha pesquisa. Assim eu tive um ponto de partida e talvez também de chegada: a análise das escritas a partir da obra buscando compreender como ela é vista e lida pelos espectadores.

Decidi que seriam quatro desenhos, para que os espectadores tivessem mais imagens para incentivar a criação de histórias, mais liberdade para a imaginação, e não ficar muito poluído visualmente, como ficaria se fosse apenas um desenho.

Comecei então a esboçar a lápis em uma folha de papel canson, a figura de uma moça com uma raposa e uma janela de fundo.

**FIGURA 1 – PRIMEIRO DESENHO – CAMILA NAZÁRIO**



FONTE: Acervo da Pesquisadora

A ideia inicial era fazer desenhos aleatórios, com alguns elementos em comum para que fossem compreendidas como ilustrações da mesma história, porém tenho que admitir que enquanto eu desenhava, fui criando uma história para essas duas figuras e a situação em que se encontravam, coisa que acontece praticamente toda vez que eu desenho: imagino a história de cada personagem, a voz, o que estão pensando, a temperatura do local, o que fizeram antes de chegar ali, etc. Quando eu desenho alguma cena ou personagem da minha imaginação, eu vejo como um filme, e a cena desenhada é uma “foto” tirada em certo momento do filme. Durante o processo do desenho, crio diversas histórias, então gosto de pensar nos meus desenhos como ilustrações para contos secretos que raramente saem da minha mente. Um dos motivos que me levam a guardar estas histórias só pra mim é o fato de que me divirto muito quando outras pessoas tentam interpretar e dar sentido para um desenho meu, muitas vezes criando suas próprias histórias, completamente diferentes do que eu tinha imaginado. Assim quando comecei o segundo esboço, eu já tinha imaginado uma história completa para os dois personagens e formulado um roteiro na minha mente, decidindo quais seriam as cenas seguintes. Porém, os participantes da oficina não ficaram sabendo a minha história, e puderam reorganizá-los da maneira que preferiram ou escreveram sobre apenas um único desenho.

O segundo desenho que fiz, mostra uma cena diferente, com a mesma raposa, árvores, papagaios e uma lua.

**FIGURA 2 – SEGUNDO DESENHO – CAMILA NAZÁRIO**



FONTE: Acervo da Pesquisadora

As outras duas cenas também contêm a figura da raposa, que é o elemento em comum entre as quatro, assim fica mais claro de que se trata de ilustrações da mesma história.

**FIGURA 3 – TERCEIRO DESENHO – CAMILA NAZÁRIO**



FONTE: Acervo da Pesquisadora

**FIGURA 4 – QUARTO DESENHO – CAMILA NAZÁRIO**



FONTE: Acervo da Pesquisadora

Até então, a técnica da pintura ainda não estava definida, pensei em utilizar aquarela, mas acabei decidindo pela pintura digital, pois além de ser um processo mais rápido, eu poderia experimentar várias cores e efeitos até decidir qual ficaria melhor, e como se trata de uma obra contemporânea, posso utilizar meios digitais para a confecção da minha obra.

Qualifico meus desenhos como acadêmicos, pois me preocupo com a forma das figuras, no entanto, não me preocupo muito com a nitidez das linhas feitas a lápis. Gosto de desenhos com cara de esboço, com leveza e delicadeza, diferente de um desenho feito com linhas limpas e traços firmes.

Utilizei o programa Photoshop<sup>1</sup> para colorir os desenhos. O programa permite trabalhar com camadas e transparências, e até mesmo imitar as técnicas da pintura tradicional.

**FIGURA 5 – PRIMEIRO DESENHO FINALIZADO – CAMILA NAZÁRIO**



FONTE: Acervo da Pesquisadora

<sup>1</sup>

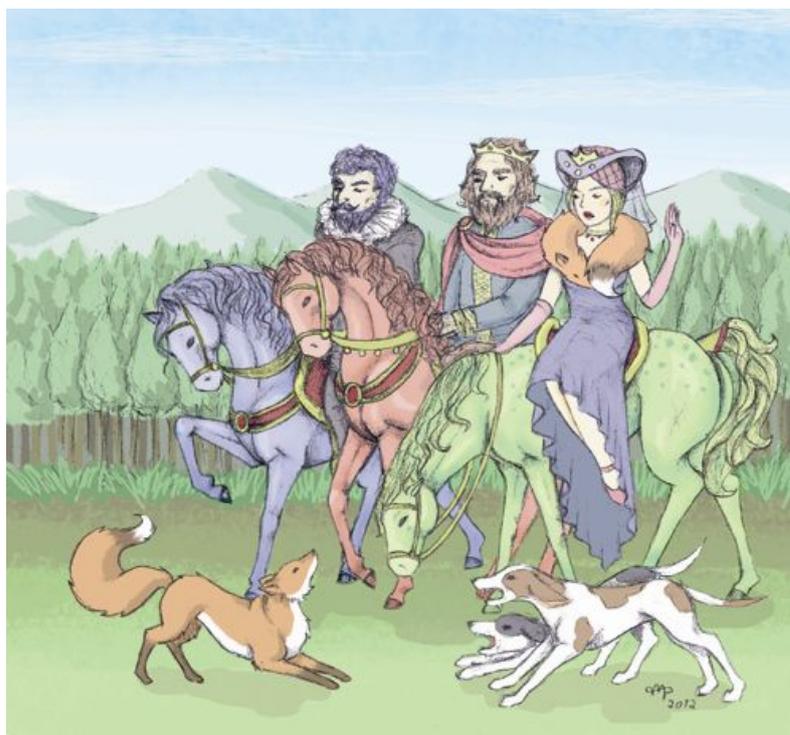
Software de edição de imagens da Adobe.

**FIGURA 6 – SEGUNDO DESENHO FINALIZADO – CAMILA NAZÁRIO**



FONTE: Acervo da Pesquisadora

**FIGURA 7 – TERCEIRO DESENHO FINALIZADO – CAMILA NAZÁRIO**



FONTE: Acervo da Pesquisadora

**FIGURA 8 – QUARTO DESENHO FINALIZADO – CAMILA NAZÁRIO**

FONTE: Acervo da Pesquisadora

Pesquisei imagens de raposas para ver a coloração dos pelos e formatos da cabeça e patas. Procurei seguir um estilo de desenho estilizado, pois não pensava em trabalhar com desenhos totalmente realísticos ou cartum.

Pensando na estética da exposição da obra, decidi que todos os desenhos teriam o mesmo tamanho e o mesmo formato (quadrado) e seriam impressos e colados sobre uma placa de MDF<sup>2</sup>. Um livro contendo as histórias escritas pelos participantes da oficina acompanhará a obra. O livro ficará sobre uma mesa acompanhada de uma cadeira para convidar o visitante da exposição a sentar-se e ler o livro.

## 2.2 OFICINA

---

<sup>2</sup> Medium-density fibreboard - produto de madeira formado pela decomposição de madeira ou de resíduos de madeira mole.

Para que minha pesquisa fosse possível, realizei uma oficina com alunos da quarta fase do curso de Artes Visuais – Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Além dos alunos, alguns convidados também participaram. Os participantes tinham idade entre 13 a 41 anos.

A oficina foi dividida em duas atividades. A primeira atividade proposta foi que cada participante pensasse na sua própria vida como uma história, e ilustrasse um capítulo, ou seja, uma cena ou acontecimento que julgasse importante e estivesse vivo na memória, e depois contasse para os demais a cena desenhada. Os participantes tiveram 20 minutos para fazer suas ilustrações em folha sulfite. Os materiais eram de escolha livre, e os mais utilizados foram lápis grafite e lápis de cor. Alguns alunos escolheram utilizar colagem junto com os desenhos. Assim, depois do tempo combinado, todos apresentaram seus desenhos e contaram suas histórias. Muitas das histórias contadas eram bem humoradas, assim a atividade seguiu em um clima bastante descontraído. O objetivo da primeira atividade era simplesmente quebrar o gelo e deixar os participantes mais à vontade, e com isso deixá-los mais dispostos a participarem da segunda proposta.

A partir das 20:40 h foi iniciada a segunda parte da oficina. Apresentei para a turma os quatro desenhos que compõem a minha obra, impressos em folhas de papel sulfite. Pedi então que cada um escrevesse uma história sobre os desenhos, para que assim eles se tornassem ilustrações. Também ficou esclarecido que cada um teria a liberdade de modificar a ordem dos desenhos, e se quisessem poderiam ainda escrever sobre somente um, dois ou três dos desenhos apresentados. Os alunos tiveram até as 22:00 h para escrever seus textos.

A segunda atividade seguiu tranquilamente, apesar de alguns alunos escolherem não participar dessa segunda etapa. Alguns participantes socializaram suas escritas entre si depois de terminada. A curiosidade em saber a história do colega e a seu bel-prazer ler o seu próprio conto me fizeram acreditar que a atividade foi bem sucedida e agradável para os participantes.

### 3 ARTE

Desde os primeiros meses como acadêmica de Artes Visuais, uma pergunta surgia de tempos em tempos, feita por professores, colegas de aula e por mim mesma. O que é arte? Ao longo da minha trajetória essa pergunta me causou muita inquietação. Coli (1995) define arte como “(...) certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia.” (p.8). No entanto, esta definição é muito abrangente e não muito concreta. Quando busco entender algo, gosto de encontrar definições precisas. Isso foi um problema durante a minha pesquisa, pois eu procurava conceituar arte, que por sua vez não tem uma definição única, aceita por todos. Sobre a tarefa de definir arte, Coli diz:

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçomamo-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única. (COLI, 1995, p.7)

Fico aliviada por aprender que outros já estiveram nessa jornada de encontrar a definição de arte, e assim como eu, não obtiveram uma resposta concreta. Diante desses fatos e relembro as características dos diferentes movimentos artísticos que estudei nas aulas de história da arte, concluo que, o conceito de arte muda com o passar dos anos e dos movimentos artísticos. Assim, o que era considerado arte no período da arte renascentista, não deixou de ser arte durante o período do Dadaísmo, porém, uma obra dadaísta nunca seria aceita como arte durante o Renascimento. Sobre essa mudança de conceitos, Cauquelin (2005, p.132) diz que “(...) trata-se de interpretar as novas regras do jogo, teorizando esse pluralismo sem lhe aplicar as normas do passado”. Ainda sobre a natureza mutável da arte, Cocchiarale diz que:

(...) Há uma questão que se discute pouco, na chamada história da arte. Aquilo que nós entendemos por arte – e que está deixando de ser – começa no Renascimento. Na verdade, falamos de arte egípcia, arte assíria, arte

abilônica, arte indígena, mas, provavelmente as culturas que produziram esses objetos que nós chamamos de arte, não os chamariam assim. (COCCHIARALE, 2006, p.43)

É na Renascença que surge o artista indivíduo, autor que assina seus trabalhos e que utiliza a arte como meio de expressão individual. Também nesse período ocorre uma outra grande mudança na arte, os objetos que antes eram voltados para a religião, passaram a ser obras feitas com a única finalidade de contemplação estética. (COCCHIARALE, 2006)

### 3.1 ARTE CONTEMPORÂNEA

Para compreender a arte contemporânea, acho importante falar um pouco sobre o movimento que a precedeu - a arte moderna. Segundo Cocchiarale:

A arte contemporânea não é um campo especializado como foi a arte moderna. Centras na busca de uma arte autônoma em relação ao universo temático, particularmente aquele do naturalismo acadêmico, as primeiras safras de artistas modernos pretendiam proteger o campo da arte das infiltrações de elementos literários ou narrativos (temas). A partir do Impressionismo, a arte moderna passou a refletir e a investigar de modo crescente seus próprios meios de produção. Voltou-se, portanto, prioritariamente, para a percepção, a expressão, para a pesquisa plástico-formal da cor, matéria, textura, espaço, linha etc.. (COCCHIARALE, 2006, p.15)

Compreendo a arte moderna como a arte voltada para ela mesma, e afastada de tudo que diz respeito à vida real. Os artistas modernos se preocupavam com as formas que estavam produzindo, e não com o conteúdo da obra. Uma das características da arte contemporânea, é que ela segue em direção oposta da arte moderna em relação a aproximação com a vida.

A arte contemporânea, de modo inverso e na contramão dessa tendência, esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes, e mais com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte. Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida. (COCCHIARALE, 2006, p.16)

Essa semelhança demasiada com a vida, apesar de ser uma característica marcante da arte contemporânea, acaba se tornando um obstáculo para a compreensão da mesma. Sobre essa dificuldade, Cocchiarale (2006) diz que se trata de outra característica que diferencia a arte moderna da contemporânea,

pois a ultima “não possui um campo específico especializado que nos facilitaria a empresa de designá-la e dominá-la por meio do conhecimento e da informação. Nenhuma divisão mais do que conhecimento humano tem esse poder [...]” (idem p.69) e vai mais adiante quando explica que:

Habituo-nos a pensar que arte é uma coisa muito diferente da, dela separada pela moldura e pelo pedestal. Aliás, a arte foi mesmo isso durante a maior parte de sua história, pelo menos desde a Renascença. A ideia de uma arte que se confunda com a vida é muito difícil de assimilar porque os nossos repertórios ainda são informados por muitos traços conservadores, alguns deles pré-modernos. (COCCHIARALE, 2006, p.67)

Apesar das diferenças entre os movimentos artísticos, eles ainda tinham elementos em comum, como a participação direta do artista na confecção da obra. Cauquelin (2005) fala que no ano de 1917, a obra A Fonte de Marcel Duchamp levanta dúvidas sobre até que ponto um objeto pode ser considerado arte. O objeto já estava pronto, sendo assim qualificado como um ready-made, e o que o garantia o título de obra de arte era o local onde se encontrava (galerias, salões, museus). Citando Cocchiarale (2006, p.33) “Se é a invenção ou a ideia que qualifica a autoria (coisa mental) o artista não mais precisa, necessariamente, fazer sua obra com as mãos”.

Foi assim que Duchamp deu início a arte conceitual, que já não tinha qualquer apego a estética. A arte contemporânea tem seu foco voltado mais para a ideia do que para a técnica.

Considero como arte contemporânea a minha produção artística executada juntamente com esta pesquisa, pois apesar de procurar um equilíbrio em cada desenho e nas quatro imagens juntas, não me preocupei com a estética dos mesmos. A minha ideia é que os desenhos não chamem atenção pela técnica empregada ou pela estética, e sim que estimulem a imaginação dos observadores, e sejam a origem de infinitas histórias formadas nas mentes de cada um a partir de seus repertórios pessoais.

## 4 DESENHO

Quando penso no desenho e sua trajetória pela história da humanidade, a primeira lembrança que me vem na mente são os desenhos e pinturas pré-históricas pintadas em tons de vermelho nas paredes de cavernas. Conforme Rudel (1980), foi assim que o desenho obteve suas primeiras funções. Segundo ele “Por mais longe que recuemos nos tempos pré-históricos, o desenho parece-nos preencher uma função tríplice: de sinal, de figuração e de ato mágico.” A última que acho mais interessante, diz respeito aos estudos que afirmam que, durante a sua vida, o homem pré-histórico realizava rituais mágicos com a intenção de possuir algo, desenhando nas profundezas de cavernas escuras, sendo este desenho muitas vezes de um animal que pretendia caçar. Todos os períodos da história apresentam suas respectivas formas de arte e funções para o desenho. Segundo Fallgater:

Podemos perceber a presença do desenho em quase tudo a nossa volta. No jogo de amarelinha riscado na calçada com cacos de telha, nos muros pichados com escritas em códigos, nos corações entalhados nos troncos das árvores. São desenhos espontâneos que manifestam a vontade das pessoas de deixar marcas no mundo. (FALLGATER, 2003, p. 67)

Na minha vida, o desenho sempre exerceu uma função muito importante – a expressão. Coisas difíceis de serem ditas por uma criança quieta, tímida e que não gostava de interagir com as outras, eram facilmente comunicadas no papel. Assim o primeiro contato com o desenho foi visto por mim como algo mais significativo do que apenas descontração. Compartilho da opinião da autora quando afirma que:

Desenhar é uma forma de conviver com os conflitos e expressá-los (...) É como se cada desenho expressasse seu autor, como se cada pessoa pudesse ver-se através do desenho, no seu íntimo. Isso ocorre tanto mais claramente quanto mais nítido for o seu desenho. (FALLGATER, 2003, p. 68)

Além da expressão, considero a função de estudo também bastante importante. Para Derdyk:

O desenho enquanto linguagem requisita uma postura global. Desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção, escala. A visão parcial de um objeto nos revelará um conhecimento parcial desse mesmo objeto. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se. (DERDYK, 2004, p.24)

Quando desenhamos, temos a oportunidade de conhecer a fundo o objeto estudado. Observando com mais atenção, tomamos conhecimento de detalhes que nos passariam despercebidos em outras situações. Podemos desenhar observando um objeto, lembrando-se de como ele era, ou até imaginando como ele seria. Segundo Derdyk:

O desenho lida com os elementos do tempo e do espaço. O ato de desenhar congrega o presente com um passado e um futuro. As imagens nascem da observação, da memória, da imaginação. Poderíamos relacionar a observação com o presente, a memória com o passado e a imaginação com o futuro. (DERDYK , 2004, p.118)

Quando utilizado por artistas, o desenho pode ser apenas um projeto para a concretização de um trabalho plástico. O desenho é uma etapa importante na realização de um trabalho, seja ele pintura, escultura, instalação ou filme.

No caso da especificidade das artes visuais, os desenhos aparecem em cadernos e anotações de artistas, na maioria dos casos, como concretização do desenvolvimento de um pensamento marcadamente visual. O desenho de criação, nesses casos, age como campo de investigação, ou seja, são registros da experimentação: hipóteses visuais são levantadas e vão sendo testadas, deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Possibilidades de obras são testadas em esboços que são parte de um pensamento visual. (SALLES, 2007, p.37)

Em todos os períodos artísticos, um desenho pode ser uma obra de arte finalizada, ou um esboço para uma. No entanto, a partir do século XX ele passa a ser mais visto como a obra propriamente dita. De acordo com Lizárraga e Passos (2007, p.67) “[...] o desenho ganha status de linguagem autônoma, embora continue representando um espaço para pensar e projetar, mas se liberta dos bastidores da obra, ganhando independência e tornando-se dela o protagonista.”

São muitas as técnicas de desenho utilizadas por artistas. O desenho contemporâneo pode utilizar quase todos os materiais existentes na face da Terra. No entanto algumas técnicas e materiais que já eram utilizados há milênios, ainda parecem ser as favoritas de profissionais e amadores. Algumas mais modernas, como o desenho digital, também são muito utilizadas principalmente na ilustração infantil. As principais técnicas empregadas no desenho são: lápis, lápis de cor, bico de pena, hachurada, pontilhada, scratchboard, carvão, pastel seco, pastel oleoso, sanguínea, esfumato, aquarela, guache, aerógrafo, colagem e computação gráfica.

A ilustração não necessita ser somente desenho, mas achei necessário me aprofundar um pouco mais nessa técnica, pois foi a escolhida para a realização da minha obra, na qual utilizei desenho a lápis com pintura digital.

## 5 ILUSTRAÇÃO E UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

A primeira vez que ouvi a palavra ilustração ainda quando criança, foi no sentido de que se tratava das imagens que acompanham os textos. Ainda hoje acho válida essa definição, porém Zimmermann (2006) vai além disso, quando considera que, uma ilustração pode ser “uma imagem que amplia um texto verbal, que adiciona a ele informações, que o questiona, que o substitui (como nos livros de imagens), ou mesmo o seu ponto de partida.” (p.4).

Sobre os primórdios da ilustração Freitas e Zimmermann (2006, p.2) explicam que “para alguns autores, tanto a ilustração, como a escrita, possuem suas origens na pré-história, a partir das inscrições rupestres”. Ou seja, podemos considerar os desenhos escondidos em cavernas como ilustrações muito antes dos livros serem inventados.

Freitas e Zimmermann (2006) também falam que no início de sua história, a ilustração passou pelos pergaminhos que registravam acontecimentos da época do antigo Egito, teve função descritiva durante o período das civilizações grega e romana, foi utilizada a serviço da religião na Idade Média, voltou-se ao desenho técnico durante o Renascimento, até que no início do século XX, com o surgimento da serigrafia passa a ser considerada como arte comercial.

Atualmente a ilustração dispõe de inúmeras técnicas, e com o avanço da tecnologia, se torna cada vez mais virtual, sendo incorporada em diversas mídias digitais.

A ilustração ingressou no universo infantil por meio dos “livros religiosos, as cartilhas escolares, principalmente as gramáticas, alfabetos (*hornbooks*) e enciclopédias” (FREITAS, ZIMMERMANN, 2006, p.5). No entanto, os primeiros livros de literatura dirigidos exclusivamente às crianças surgiram durante a Revolução Industrial.

Considerando a expansão da industrialização e comércio nesse período histórico, o livro infantil surge com características de produto, pensando-se num consumo. Para tanto, era necessário a alfabetização do seu público. Daí decorre a relação dos livros com a escola, fazendo com que muitas publicações adotassem uma postura bastante pedagógica. (FREITAS, ZIMMERMANN, 2006, p.3).

Diversas vezes retorno ao meu tempo de infância quando penso ou escrevo sobre esta pesquisa. Isso porque foi naquela época que mais estive em contato com

ilustração de livros, pois são os livros infantis que mais contém imagens. Segundo Macêdo:

É difícil imaginar um livro infantil – seja literário ou didático; dirigido a crianças em idade pré-escolar ou já alfabetizadas – sem imagens. As imagens dos livros ilustrados ocupam um lugar importante na formação visual dos pequenos, não apenas no sentido didático, mas no lúdico. Possuem um caráter de “imortalidade”, e muitas dessas imagens permanecem conosco mesmo depois de passada a infância, e por vezes nos lembramos delas com carinho e nostalgia pelo tempo que se foi. (MACÊDO, 2010, p.32)

Lembro muito bem da estante dedicada à literatura infantil da biblioteca da escola na qual eu estudava. Parecia que os livros competiam entre si para ver qual chamava mais a atenção das crianças, qual tinha a capa mais trabalhada, mais colorida, as ilustrações mais atraentes, porque na hora de escolher o livro para alugar por uma semana, poucos eram os alunos que procuravam saber do que se tratava a história nele contida. Alguns não tinham mais do que seis páginas ilustradas com cartuns coloridos ou desenhos realísticos, lembro até de livros ilustrados por fotografias de bonecos de massinha. O que contava mesmo era a aparência do livro, como em uma loja de doces, onde os mais coloridos sempre parecem ser os mais apetitosos.

Lembro também que naquele tempo, tanto eu quanto as outras crianças, gostávamos desses livros pequenos, com pouco texto e muitas imagens. Tínhamos certo receio de alugar livros com muito texto, pois pareciam cansativos e difíceis de ler. Os livros que eu e meus colegas de sala escolhíamos tinham um formato bem simples: uma frase no topo da página descrevendo uma cena, e esta cena desenhada ao pé da letra logo em baixo do texto. Por mais atraentes que esses livros e suas ilustrações pareciam na época, lembro-me pouquíssimo das histórias. Oliveira chama essas ilustrações tão apelativas de “doces de coco”:

Os bonequinhos que podemos classificar como *doces de coco* podem ser ilustrações apetitosas e açucaradas bastante aceitas como infantis, fato que não esconde sua outra face, nauseante e repetitiva. [...] Apesar de massificado em livros, catálogos e premiações, esse gênero de ilustração tão comum é uma representação duvidosa dos objetos e dos seres. As ilustrações aqui denominadas *doces de coco* apresentam, com suas imagens geralmente em traços *ingênuos* e cores chapadas, um naifismo aculturado e contrabandeado dos cartuns, RPGs, gibis e séries de TV. (OLIVEIRA, 2008, p.37)

Certo dia, entre esses mini livros recheados de doces de coco, encontrei um livro que me chamou a atenção mesmo sendo completamente diferente dos que eu costumava alugar. O livro era *Uma Ideia Toda Azul* escrito e ilustrado por Marina Colasanti (1979).

**FIGURA 9 – CAPA DO LIVRO “UMA IDEIA TODA AZUL” – MARINA COLASANTI**



FONTE: Colasanti (1979)

Era um livro que tinha mais texto do que figuras, mas quando dei uma folheada, encontrei uma ilustração de um unicórnio (sempre gostei muito de unicórnios) e decidi que esse seria o meu livro daquela semana. Apreciei muito os contos de fadas contidos no livro, e também das ilustrações, que apesar de serem xilogravuras em preto e branco, me agradaram mais do que os cartuns coloridos dos outros livros. Algumas não ilustravam uma cena, mas sim algum detalhe do texto, e deixava o resto para a imaginação. Tive muita vontade de desenhar como a ilustradora do livro e o aluguei diversas vezes para reler os contos e desenhar as ilustrações. Sobre esse sentimento, Oliveira afirma que:

[...] o primeiro elo que desperta nosso olhar e transfere a ilustração para nossa memória é um sentimento vago, impreciso, que podemos chamar de

encantamento, uma qualidade que tem a imagem de nos apaziguar, mesmo que nos inquiete. (OLIVEIRA, 2008, p.36)

Este encantamento contribuiu para as minhas viagens cada vez mais constantes pelos países dos contos de fadas e convívio com as criaturas fantásticas que os habitavam, que eram e continuam sendo, a temática da maioria dos meus desenhos.

Esse gosto pela fantasia e mundos distantes que me acompanha até minha vida adulta foi uma grande ajuda para o meu primeiro trabalho como ilustradora de um livro infantil, tornando a experiência instigante e gratificante, pois de certa forma eu já estava familiarizada com aquele universo (dos contos de fadas) materializados através dos desenhos.

O livro, *O Sapo, a Rainha e o Maior dos Sentimentos – o Amor!* escrito por Cármen Neves (2012), conta uma história de rainhas, princesas e sapos falantes. É um livro dedicado às crianças, com o objetivo de difundir valores.

**FIGURA 10 – CAPA DO LIVRO “O SAPO A RAINHA E O MAIOR DOS SENTIMENTOS – O AMOR!”**



FONTE: Neves (2012)

Apesar de sempre ter gostado de desenhar, essa tarefa foi um pouco mais difícil do que eu esperava, pois precisava desenhar não apenas algo que me agradasse, mas sim um desenho compatível com a ideia que a própria escritora tinha em mente. A técnica a ser utilizada para fazer os desenhos assim como as cenas a serem ilustradas foram escolhidas por ela. Desconheço o método de seleção utilizado pela escritora para decidir quais partes do livro seriam desenhadas, e talvez se eu tivesse a liberdade de escolher, teria desenhado algo completamente diferente porque durante a leitura, a maneira como visualizamos o texto é individual, assim como também penso que as ilustrações teriam sido bastante diferentes se outra pessoa as tivesse desenhado, mesmo se tratando da mesma cena descrita pela autora.

**FIGURA 11 – ILUSTRAÇÃO PARA O LIVRO DE CARMEN NEVES – CAMILA NAZÁRIO**



FONTE: Acervo da Pesquisadora

Durante o período que eu estava produzindo as ilustrações, mantive contato constante com a autora por meio de e-mails e telefonemas, para que pudéssemos chegar ao melhor resultado possível. Assim ela me falava detalhadamente como a

cena deveria ser, e enviava fotografias das pessoas que eu deveria utilizar como referência para os personagens da história.

Com essa experiência, surgiu-me uma série de perguntas e dúvidas. Além da de atender a expectativa da autora, a preocupação de não estar sendo clara o suficiente nos meus desenhos era constante. Eu queria que os desenhos tivessem uma leitura fácil e acessível para crianças pequenas tanto quanto para as maiores. Depois também pensei que não seria a melhor solução ilustrar exatamente o que o texto descrevia, pois assim não deixaria espaço para o leitor ter a sua própria visualização das cenas através da imaginação dirigindo-a para a imagem apresentada, e inibindo qualquer outra representação da cena que pudesse surgir na mente das crianças. De acordo com Oliveira:

O que é representado, mesmo com o fisicismo próprio da ilustração, não deve ser de forma absoluta o objeto descrito, mas sua sombra. O material a ser utilizado pelo ilustrador não está diretamente nas palavras, mas no espaço entre elas. É nesse espaço vazio, indefinido, nessa área crepuscular entre uma palavra e outra, que se localiza a ilustração. (OLIVEIRA, 2008, p.50)

Concordo com essa ideia de não ilustrar diretamente o texto por me parecer mais aberta, com mais espaço para a imaginação. No entanto também penso que o autor ao contratar um ilustrador, pode escolher o que quer e o que não quer que seja ilustrado se julgar melhor para a sua obra literária, ou entender que a ilustração ajudaria na compreensão do texto. Sobre a ilustração relacionada à imaginação, Zimmermann afirma que:

Tomando a expressão usada por Andrea Rose, de que "o livro condensa uma imagem", e falando mais especificamente das ilustrações, temos que estas participam da formação da história, deixando, porém, lacunas a serem preenchidas pelo leitor, cabendo a ele imaginar o que teria ocorrido de uma página a outra, fazendo com que este também interaja na construção da obra, exigindo assim a sua participação (ZIMMERMANN, s/d, p. 5).

Com isso, compreendo que nem tudo deve ser ilustrado, dado de bandeja para o leitor, caso contrário a história não terá interação e o leitor passa a ser um mero espectador, sem oportunidade criar suas próprias imagens e histórias a partir das ilustrações, que por sua vez, devem acrescentar informações ao texto.

Segundo Oliveira (2008, p.40) "A ilustração é arte quando não pretende roubar o fogo sagrado da chamada grande arte." Assim podemos concluir que para ser arte, a ilustração deve saber o seu lugar, cumprir com o seu dever e propósitos,

e não ser apenas um objeto de apreciação estética. Oliveira vai adiante quando afirma que:

“Narrar para e se comunicar com a criança são os requisitos básicos da arte de ilustrar. Frequentemente o virtuosismo estilístico da imagem, autista e narcisista, enamorada de si mesma, torna o livro infantil um *obra de arte* digna das paredes de uma galeria ou de um museu. Todavia, em termos de emocionar a criança, nada diz. Muitos livros encantam os adultos cultos e informados, e as crianças os detestam.” (OLIVEIRA, 2008, p.39)

Oliveira fala aqui exclusivamente do livro infantil, porém nem todo o livro ilustrado é dirigido à crianças, mas o exemplo ainda é válido porque a ilustração deve encantar e se comunicar com público a qual é destinada.

Assim, como o autor citado acima, também considero a ilustração como arte pois“ [...] o valor de uma obra de arte está na complexidade do seu conteúdo, na qualidade da sua realização e no seu poder de estímulo para o espectador” (Hallawell, 2006, p.51) e a ilustração é acima de tudo, estimulante para os leitores.

## 6 IMAGINAÇÃO

Todos nós conhecemos bem a brincadeira de olhar para as nuvens e ver nelas rostos e caravelas (os castelos no ar), de ver o rosto na lua cheia, ou de olhar para os veios em uma tábua de madeira e neles ver paisagens fantásticas. A imaginação é a capacidade de olhar através das janelas do real. (Girardello 2005, p. 4).

Acredito que assim como a arte, a imaginação pode não ter uma definição única, primeiramente por se tratar de algo imaterial, e também por se manifestar de maneira diferente em cada pessoa. Assim, não seria possível apresentar um conceito definitivo de imaginação que fosse aceito por todas as pessoas do mundo. Hanson citado por Egan diz que “A imaginação é o que nos permite vislumbrar possibilidades em e além das realidades em que estamos imersos” (2005, p.17). As expressões “olhar através” ou “ver além da realidade” são bastante utilizadas quando falamos de imaginação. Ainda sobre os aspectos da imaginação, Egan afirma que:

A imaginação se encontra como que no ponto crucial onde a percepção, a memória, a geração de idéias, a emoção, a metáfora e, sem dúvida, outros aspectos de nossas vidas se cruzam e interagem. Algumas das imagens que vivenciamos parecem “ecos” do que percebemos, embora possamos mudá-los, combiná-los, manipulá-los para que se tornem como algo que jamais havíamos percebido. Nossa memória parece ser capaz de transformar percepções e armazenar seus “ecos” de forma que nunca ou quase nunca requerem ‘imagens’ quase pictóricas (como no caso de sons e cheiros). (EGAN, 2005, p.3)

Com isso, compreendo que a imaginação é a capacidade da mente humana de armazenar imagens (memórias) e transformá-las em novas imagens.

Considero a imaginação tão importante quanto o conhecimento e essencial para a criação. Todas as criações artísticas, as invenções científicas, as construções, as máquinas, tudo que foi inventado pelo homem, não teriam sido concluídos se alguém, antes mesmo da etapa do projeto, não tivesse fantasiado um pouco e imaginado como seria bom se tal coisa existisse. Segundo Honorato (2007, p.53) “Se o homem fosse completamente equilibrado com seu mundo, não haveria necessidade de uma ação criadora. Por isso na base de toda ação criadora reside sempre a inadaptação, fonte de necessidades, anseios e desejos.” Sobre a importância da imaginação, Vigotsky afirma que:

O exercício da imaginação [...] tem papel fundamental na atividade humana, pois permite ao homem elaborar ações e prever situações ainda não experimentadas na forma de ideias, antecipando resultados e permitindo a este se visualizar muito além do presente (VYGOTSKY, (apud Zimmermann 2006, p.2)

No entanto, a imaginação precisa de um ponto de partida. Para criar coisas novas, o cérebro utiliza imagens armazenadas ao longo da vida. É na memória que a imaginação nasce, mas segundo Buoro (2003, p. 82) alguns outros fatores também são considerados importantes para o processo de imaginação criadora: “As experiências, os interesses, as capacidades de dar forma aos resultados da imaginação, os conhecimentos técnicos, as tradições, os modelos de criação que influenciam o ser humano e o meio ambiente, enfim, o que chamo de repertório.”

Assim, pode-se dizer que o repertório pessoal é muito mais abrangente do que a memória. Vygotsky explica um pouco mais sobre a importância da experiência humana para a imaginação.

A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com que a fantasia erige os seus edifícios. Quanto mais rica seja a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe essa imaginação. Por isso a imaginação da criança é mais pobre que a imaginação do adulto, por ser menor a sua experiência (VYGOTSKY 2003 apud HONORATO 2007, p. 17)

Apesar de possuírem menos experiências em relação a adultos, “as crianças têm uma maior tendência a se entregar livremente à fantasia. Para a criança o mundo está cheio de imagens novas, e a imaginação se alimenta de imagens novas.” (GIRARDELLO apud HONORATO, 2007). Assim, a fantasia e imaginação são bastante relacionadas ao mundo infantil.

Vygostky dividiu o processo da imaginação em três momentos:

O primeiro considera a imaginação criadora resultante da reformulação de experiências de vida, combinadas com outros elementos do mundo real. O segundo incorpora a participação do afetivo e dos elementos sociais que envolvem o indivíduo. O terceiro objetiva a criação como resultado de um processo que interfere na transformação do mundo VYGOTSKY, 2003 apud BUORO, 2003, p.82)

Podemos então observar como as imagens acumuladas são modificadas a partir do repertório pessoal, dos elementos afetivos e da necessidade do ser humano de modificar o mundo que habita.

## 6.1 AS DIFERENTES POSSIBILIDADES DE LEITURA DE IMAGENS

Sempre gostei muito de desenhar, isso já ficou bem claro. Quando mostro um desenho ou pintura para alguém, é comum ouvir a pergunta “o que isso significa?” Também costumo ouvir muito essa pergunta enquanto acompanho um visitante na galeria de arte contemporânea onde trabalho. A galeria recebe a visita de todo o tipo de pessoas, e como boa parte do público não mantém algum tipo de contato constante com o universo da arte, é esperado o estranhamento perante uma obra de arte contemporânea, sendo que, muitas não tem a beleza como sua principal característica.

Na maioria das vezes, essa é a reação das pessoas, sejam os visitantes da galeria ou amigos a quem eu mostro meus desenhos. Todos querem saber o que a obra quer dizer segundo o artista que a fez, como se houvesse um código, ou mensagem secreta escondida entre os traços, esperando para ser decodificada, coisa que também é normal se considerarmos que “vivemos em um mundo de imagens que estamos permanentemente produzindo, lendo, decodificando e interpretando.” (MARTINS et al, 2012, p.46).

De acordo com Fallgater (2003, p.71) “Não existe uma forma única para trabalhar com a leitura de imagens.” A autora vai mais adiante quando fala que a leitura de imagens “visa despertar do senso crítico e a apreciação estética, desenvolvendo a percepção e a imaginação enquanto analisa a realidade percebida e desenvolve a criatividade, podendo mudar a realidade que foi analisada.” (idem, p.70)

Algumas imagens do nosso cotidiano foram elaboradas para serem facilmente decodificadas, como placas de trânsito e sinalização em geral. No entanto, isso nem sempre se aplica a uma obra de arte. A arte em si não é uma ciência exata, então não existe regra para uma obra ter apenas uma interpretação e percepção. Acredito que a imaginação possui um importante papel no processo de leitura e interpretação de uma imagem ou obra de arte, e como já foi discutida, a imaginação depende da memória e outros fatores pessoais que compõem o repertório individual. De acordo com Aumont (2001, p. 88), “Ao fazer intervir seu saber prévio, o espectador da imagem *supre* portanto, o não-representado, as lacunas da representação.” Ou seja, o espectador além de ler o que está representado na imagem diante de seus olhos,

pode também ir além e imaginar elementos que não estão presentes na mesma, e atribuindo significados diferentes para a obra.

Não podemos, no entanto, ignorar alguns símbolos contidos nas obras que possuem significados quase universais, como o pombo branco que representa a paz, uma coroa que é o símbolo da realeza, ou a caveira que normalmente representa a morte. Esses símbolos podem estar contidos em uma obra de arte, sendo utilizados pelo artista propositalmente ou não. Os símbolos quando bastante conhecidos são lidos de maneira similar por pessoas diferentes. Poderíamos recorrer à semiótica para decodificar todas as imagens que nos são apresentadas ao longo de nossas vidas, pois segundo Ramalho e Oliveira (2007) se trata da ciência geral dos signos. Porém, até mesmo os símbolos mais conhecidos podem ter suas significações modificadas dependendo da imaginação do observador. Ainda citando Aumont (2001, p.88), “O espectador pode chegar até, em certas medidas, a ‘inventar’, total ou parcialmente, o quadro [...]” Não só o significado da imagem tem que ser levado em conta, mas também as possibilidades de criação a partir dela. Aumont se apropriando da opinião de Gombrich, afirma que:

[...] o papel do espectador segundo Gombrich é um papel extremamente ativo: construção visual do “reconhecimento”, emprego dos esquemas da “memorização”, junção de um com a outra para a construção de uma visão coerente do conjunto da imagem. Compreende-se por que esse papel do espectador é tão central para toda a teoria de Gombrich: é ele quem *faz* a imagem. (AUMONT, 2001, p. 90)

Com isso, podemos observar a importância das ilustrações, principalmente de livros infantis, onde são repletas de elementos cuidadosamente escolhidos para além de cativar a atenção dos pequenos, poder se tornar o ponto de partida de outras histórias de autoria da própria criança.

## 7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nos quatros desenhos, alguns elementos aparecem mais do que uma vez. Um deles é a figura de uma jovem de cabelos despenteados e joelhos ralados. Diante dos olhos dos participantes da oficina ela foi de princesa a moça pobre, ganhou vários nomes e até mesmo um namorado. No entanto, em alguns textos ela passou despercebida. Outro personagem de destaque é a raposa, que também foi a protagonista de muitos dos textos, talvez por ser o único personagem que aparece em todos os quatro desenhos, mas até mesmo esse foi deixado de lado por alguns dos participantes. A maioria dos participantes seguiu a ideia de conto de fadas e escreveram histórias sobre reinos distantes, princesas, reis e rainhas.

Recebi vinte textos no total. Decidi não analisar todos, mas julguei importante incluí-los no livro que será exposto junto com os desenhos e também no anexo desta pesquisa. Selecionei aqueles que considero terem dialogado com o tema de minha pesquisa e também com os teóricos que trago no decorrer da escrita.

**Título: Amor Verdadeiro**  
**Autora: Kelli**

“Uma vez, num castelo grandioso, vivia uma princesa que estava presa em um quarto fazia cinco anos. Ela estava presa porque um dia sua desobediência resultou em um castigo que lhe custou a sua liberdade.

O amor que ela sentia por um plebeu era mais forte do que a solidão que teve que passar para esperar que um dia ela pudesse se encontrar com seu grande amor.

Ela conheceu Pedro em uma primavera do ano de 1838. Aos seus 13 anos de idade, quando corria nos campos de flores ao redor do seu palácio, viu Pedro, um empregado de sua família, a família real, e no mesmo instante se apaixonou por ele, e ele por ela. A partir daí todos os dias ela ia passear no campo. A troca de olhares se tornou constante. Foi ai que Pedro se sentiu encorajado a procurá-la e começaram um romance.”

No início do texto, é possível identificar a referência ao primeiro desenho. A cena mostra apenas dois personagens (moça e raposa) diante de uma janela aberta. O vazio do quarto em que se encontram os dois e talvez a leve expressão de tristeza no rosto da jovem, fez com que a autora do texto imaginasse que a moça estava sob alguma forma de aflição, no caso, o aprisionamento.

Nos parágrafos seguintes, Kelli fala de um amor proibido entre a moça e um outro personagem chamado Pedro. Esse é o único personagem da história de Kelli

que recebeu um nome. Esse personagem chamado Pedro poderia corresponder ao homem de azul que acompanha o rei e a rainha no terceiro desenho (cena com os cavalos), pois ela especifica que se trata de um empregado da família real. No entanto, Kelli diz que a princesa conheceu Pedro aos 13 anos de idade, o que me leva a crer que o par romântico da garota poderia ter a sua idade, e não ser nenhum dos personagens apresentados nos quatro desenhos. Neste caso, ela criou um personagem por conta própria, ou seja, sua imaginação supriu o que não estava representado, como afirma Aumont (2001).

**Título: Sem título**

**Autora: Carol**

“Rosa era uma das muitas meninas de família pobre, que vivia em um país qualquer. A história dela é muito parecida com a das meninas de sua condição.

A família de Rosa, desesperada com as dívidas (impostos e mais impostos). As terras onde moravam e plantavam seu sustento (em tempos de feudalismo), pertenciam a um velho asqueroso, o “imperador”.

O resto da história é fácil de adivinhar. Ela foi o produto vendido a preço barato para quitar as dívidas da família.

O velho comia e se deliciava com o pedaço de carne nova.

Rosa parou de sonhar, e teve o triste destino de muitas meninas dos tempos de lá. Até hoje, viver com uma lágrima sempre pronta para se derramar dos olhos até a boca.”

Apesar da roupa rasgada e cabelos soltos que compõem o aspecto da moça mais jovem, Carol foi a única participante que a imaginou como uma moça pobre. Na maioria das outras histórias, ela obteve algum título de realeza, no entanto no texto de Carol, Rosa (nome escolhido pela autora da história) é filha de uma família carente que também não está presente em nenhum dos quatro desenhos.

Carol situa a história em tempos de feudalismo devido às figuras do rei e da rainha. Outra característica importante dessa história é que o rei, apelidado de imperador está no papel de vilão que compra Rosa, uma alusão à prostituição de jovens de famílias de baixa renda.

O desenho utilizado como referência pela escritora foi a última cena, onde a menina se encontra em um quarto com o rei e uma moça mais velha que está nua em frente a um espelho. Acredito que além do repertório pessoal ligado a imaginação, “As experiências, os interesses, as capacidades de dar forma aos resultados da imaginação, os conhecimentos técnicos, as tradições, os modelos de criação que influenciam o ser humano e o meio ambiente [...]” Buoro (2003, p.82), o

que levou Carol a ler esta história na ilustração foi o conteúdo sexual do desenho, ou seja, a nudez da moça e o fato de Rosa, uma menina jovem estar diante dessa situação acompanhada de um homem muito mais velho.

**Título: Sem título**

**Autor: Juliel**

“Era uma vez uma raposa que vivia querendo ser uma coruja. Mas tinha um problema, ela não sabia voar.

Ela tinha uma mãe coruja que tinha achado ele bebe. Ele comia minhoca e fazia tudo que um bebe coruja fazia. As raposas tentavam convencer ele a não agir como uma coruja, mas não deu certo.”

**Título: Sem título**

**Autora: Daiane**

“Naquela noite resolvi que realizaria meu sonho. Um sonho que todos achavam muito louco. Um sonho louco até para os mais loucos.

Nunca me importei para o que os outros falavam e se me apontavam, eu queria ser feliz. Vou contar meu “louco” sonho. Sou Dona Raposa, daqui de baixo vejo lindas aves e meu sonho é ser uma delas, poder voar, morar em árvores. As penas coloridas, o canto maravilhoso...”

Os dois textos acima foram escritos por Juliel, uma criança de 13 anos e Daiane que já é adulta. Ambos Juliel e Daiane escreveram suas histórias tendo a raposa como protagonista. Os dois textos também descrevem cenas semelhantes (apesar do texto de Daiane ser escrito em primeira pessoa), assim podemos concluir que o desenho escolhido pelos autores para dar início à seus contos foi o mesmo (o segundo desenho, cena da raposa em cima da árvore com papagaios).

O estranho fato de uma raposa se encontrar entre os galhos de uma árvore junto aos pássaros, levou os dois participantes a imaginar que o motivo do animal se encontrar naquela situação foi o desejo de se tornar um pássaro também.

Como eu havia mencionado anteriormente, Vygostky (2003 apud HONORATO, 2007) afirma que, por possuir menos experiência de vida e por isso menos repertório, a imaginação da criança é mais pobre do que a de um adulto. No entanto, aqui podemos visualizar dois textos, um escrito por uma criança e outro por um adulto que comunicam ideias semelhantes. Assim, podemos compreender que a ideia de Vygostky não é uma regra, mas um ponto de vista, e a capacidade da imaginação pode variar muito independentemente da idade.

**Título: Mistérios da Noite**

**Autora: Cristal**

“Na calada da noite, um amigo me visita, a raposa é minha fiel companhia, e muito almejada por vossa majestade, uma pessoa rude e vazia. Propositada em sua beleza, mata impiedosamente os animais da floresta apenas para deleitar-se em suas peles. Ela é fria e visa apenas sua beleza e bem estar. Meu pai o rei, quer nossa amizade, mas não posso, minha moral me impede de estar perto de uma pessoa sem escrúpulos como ela.”

Cristal também optou por escrever a sua história em primeira pessoa. Na primeira frase podemos concluir que o desenho visualizado foi o primeiro (menina segurando a cabeça da raposa).

O texto é narrado pela menina de roupas rasgadas que apesar da aparência, foi imaginada como uma princesa filha do rei. Desta vez, a rainha ocupa o papel de vilã, e ganhou uma personalidade típica de malfeitora - fria e egocêntrica. A parte da rainha malvada que caça animais para vestir suas peles é visivelmente uma referência ao desenho da cena com os cavalos e cães, pois a rainha carrega nos ombros a pele de uma outra raposa. Creio que a ideia de que o rei tenta aproximar a filha da rainha se originou do gesto do rei no último desenho (cena da raposa, princesa, rei e moça nua em frente ao espelho). Também imagino que na história de Cristal, a rainha não seja a mãe da princesa, mais uma razão para o distanciamento das duas. Outro fator interessante é que a autora imaginou que o desenho da mulher em cima do cavalo e da mulher nua em frente ao espelho se tratam de representações da mesma personagem, mesmo que as duas possuam cor de cabelo diferente, pois a mulher no cavalo é loira, e a sentada em frente ao espelho tem cabelos azuis.

**Título: Reino Animal**  
**Autor: Bruno**

“A filha mais nova do rei possuía apenas uma amizade. Parece estranho, porem não ter amigos humanos é um tanto normal com boa parte das pessoas. Ela não confiava muito em sua família. Sua verdadeira amizade era a raposa.

Seu pai, um bom homem, por mais que tentava unir a sua filha mais nova com a mais velha, ambas não se davam uma com a outra e assim estavam dispostas a ficar.

Por outro lado, sua mãe não se importava com o que poderia estar acontecendo com suas filhas e nem com o reino. Estava interessada apenas no seu bem estar.

Já seu irmão, que era obcecado pelo poder, estava a todo o momento planejando tomar o reino, e sendo a raposa uma amiga da princesa, a mesma ficaria de guarda para que o reino não fosse tomado.

Com o passar do tempo foi assim: rainha esnobe, irmão da rainha invejoso, irmãs não se falando e apenas a raposa tomando conta do reino com demais pássaros e animais que o habitavam.”

No primeiro parágrafo, podemos identificar o primeiro desenho como ponto de partida da escrita. Novamente a moça de cabelos despenteados assumiu o papel de princesa filha do rei, que é muito solitária e cultivava uma amizade com a raposa.

No segundo parágrafo podemos observar a relação com o último desenho, onde novamente o rei está tentando aproximar a moça mais jovem da mulher diante do espelho que nesta história não está mais no papel de rainha, e sim de filha mais velha do rei e irmã da menina. O fato da irmã mais velha permanecer de costas e não virada para o pai e a irmã mais nova pode ter levado o autor a imaginar que as duas não se davam bem.

O terceiro parágrafo não faz referência explícita a nenhum dos desenhos, mas acredito que o papel da rainha ficou novamente com a mulher montada no cavalo verde, que outra vez foi vista como egocêntrica.

No penúltimo parágrafo, Bruno fala sobre o irmão do rei que planeja dominar o reino e é afrontado pela raposa. Isso me leva a acreditar que nesta história esse irmão é o homem de azul ao lado do rei no terceiro desenho, junto com a rainha, cães, cavalos e raposa que está posicionada bem a frente do grupo.

No último parágrafo do texto, além de resumir o que ocorria na vida de todos os personagens citados, Bruno esclarece que além da raposa outros animais ajudam a governar o reino, e assim podemos compreender a relação do texto com o seu título.

Segundo Egan “A imaginação é o que nos permite vislumbrar possibilidades em e além das realidades em que estamos imersos” (2005, p.17). Podemos visualizar como Bruno preferiu permanecer dentro das imagens apresentadas, pois de todos os participantes, ele foi o que mais se apoiou nos desenhos para realizar a sua escrita. Aparentemente em todos os momentos ele citou apenas personagens que estão contidos nos quatro desenhos. Porém foi na relação entre os personagens, suas personalidades e comportamentos que a imaginação trabalhou e o fez enxergar as possibilidades.

**Título: O Reino dos Cavalos Verdes**  
**Autora: Veridiana**

“E assim cresceu a bela princesa Rafaela-Florentina do Pescoço Frigido. Por ser tão, mas tão frio, nada esquentava seu pescoço. Nenhum tecido era capaz de esquentá-lo, até que um dia caminhando nos campos do reino, avistaram um animal peludo de aparência aconchegante e o capturaram para por fim, poder esquentar o pescoço de Rafaela-Florentina. Desde então a princesa caçava raposas pela floresta para poder aquecer seu pescoço.

A princesa cresceu e se transformou em Rainha quando casou-se com Louis Jorge IV e o ritual de caça as raposas ainda era praticado. Florentina fazia questão de caçar suas raposas com seus cães predadores do reino. Até que um dia encontraram uma raposa que não se intimidou com os cães nem com os cavalos do Rei, sua Rainha e súdito. A raposa os enfrentou de forma corajosa.”

Assim como nos demais textos, podemos observar na história de Veridiana o poder de criação da ilustração, que além de poder substituir um texto verbal, pode ser o seu ponto de partida. (ZIMMERMANN, 2006)

Veridiana conta a história de uma rainha que foi amaldiçoada por uma bruxa quando ainda era uma jovem princesa e por isso seu pescoço é sempre muito frio. A única coisa que parece amenizar a condição da rainha é a pele de raposa. A autora descreve uma cena de caça de raposa onde se encontram a rainha, o rei e um súdito, e assim podemos concluir que ela partiu do terceiro desenho para realizar a sua escrita, pois a cena mostra um grupo de três pessoas a cavalo, juntamente com cães, que são os animais utilizados neste tipo de caçada. Acredito que a ideia de que a rainha possuía uma condição problemática relacionada ao seu pescoço veio da pele de raposa que ela está usando na cena.

A autora atribuiu a qualidade de corajosa à raposa por estar posicionada a frente dos cães e cavalos quando um animal selvagem normalmente tentaria fugir nessa situação.

**Título: O Rei Traído**  
**Autora: Maíra**

“Então quando o rei, a rainha e o guardião chegaram na floresta, os cachorros alvoroçados latiram e espantaram os cavalos, fazendo com que o povoado se aproximasse deles. Para o povo, a rainha era safada, pois haviam histórias que ela tinha um caso com o próprio guardião que os acompanhavam. O rei como não sabia de nada, não suspeitava do caso. Ele era muito querido pelo povoado, todos queriam seu bem.

[...] Os dois montaram no cavalo e saíram do castelo em direção a vila. O rei ao ver a rainha sair, desceu correndo as escadas, foi até a cozinha, pegou uma faca, chamou os guardiões e foram seguindo a rainha.

Numa estrada a caminho da vila, a rainha e seu guardião entraram floresta adentro. O rei como a seguia, se escondeu atrás de uma árvore e vigiou para ver o que ela fazia.”

O conto escrita por Maíra fala sobre um rei que ao descobrir a traição de sua esposa, resolve se vingar dela e do amante. Este é um enredo bastante parecido com alguns encontrados em filmes novelas. Com isso, retorno ao pensamento de Egan (2005, p.3) quando o autor falar que “A imaginação se encontra como que no ponto crucial onde a percepção, a memória, a geração de idéias, a emoção, a metáfora e, sem dúvida, outros aspectos de nossas vidas se cruzam e interagem.” Assim é possível a reorganização, manipulação e combinação de memórias e ideias armazenadas, para criar novas imagens, ou no caso de Maíra, uma nova história.

No primeiro parágrafo fica claro que o ponto de partida foi o terceiro desenho. O rei e a rainha estão representando os seus devidos papeis, enquanto que o homem de azul, desta vez se tornou o guardião e amante da rainha. No entanto, nos parágrafos seguintes, a autora escreve sobre lugares e personagens que não estão representados nos desenhos, e até mesmo um possível exército que junto com o rei, seguem a rainha e o amante pela floresta. Outra observação interessante é que Maíra não menciona a raposa em momento algum da história apesar de estar presente em todos os desenhos, e foca na relação dos três personagens – rei, rainha e amante.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram muitos os momentos de frustração e medo durante a realização deste TCC. De alguma forma, eu havia me convencido de que não sabia escrever. Não no sentido de ser analfabeta, mas de não conseguir escrever de maneira tão formal e elegante quanto as escritas de colegas e amigos em outros TCCs que eu havia lido. Com o tempo percebi que eu estava agindo igual às pessoas que dizem não saber desenhar por não conseguir reproduzir fielmente uma imagem a partir de uma foto ou produzir pelos desenhos acadêmicos, e isso é uma coisa que eu detesto.

Comecei então a tratar o TCC como um problema a ser resolvido. Escrevi sobre vários assuntos antes de escrever sobre arte, que na verdade deveria ser o primeiro item da lista. Não me sentia nem um pouco confortável escrevendo sobre arte, apesar de estudá-la por quase cinco anos. Quando comecei a ler o livro *Quem tem medo da arte contemporânea?* de Fernando Cocchiarale (2006), eu já sabia a resposta para a pergunta do título: eu. É comum ter medo do que não conhecemos, e à medida que fui pesquisando a fundo sobre o assunto, o medo (que também pode ser chamado de insegurança neste caso) foi superado e passei a ter mais segurança até mesmo no meu trabalho como mediadora de galeria de arte. Para mim, essa foi uma parte muito gratificante do TCC.

Também apreciei bastante o resultado da oficina. A princípio eu estava bastante hesitante pelo fato de não saber como seria recebida pela turma da 4ª fase, afinal são colegas de faculdade e até mesmo de trabalho, a maioria mais velhos do que eu, e o medo de não ser levada a sério era grande (ao ponto de imaginar cenas cartunescas de ser expulsa da sala com tomates podres). O resultado superou minhas expectativas, e pude observar mais atentamente como meus desenhos são percebidos pelas pessoas, e melhor ainda, como podem dar origem a novas criações.

Durante a etapa da pesquisa bibliográfica, além da arte e arte contemporânea, pude me aprofundar nos assuntos do desenho, ilustração e imaginação. Foi quando compreendi como a ilustração deveria ser realizada e acima de tudo, como ela poderia ser trabalhada juntamente com a imaginação e percepção, aumentando as possibilidades de novos processos criativos e leitura a

partir da mesma. Foi uma experiência importante para que eu possa dar continuidade a minha carreira de ilustradora, pois concluí que a ilustração desempenha um papel muito importante para ser considerada apenas como uma decoração para o texto. Além de chamar a atenção, ela precisa ser estimulante.

Acredito que esta pesquisa tenha ajudado a esclarecer os processos de imaginação relacionados à ilustração. Também espero que possa ajudar a outras pessoas, principalmente ilustradores, a compreender o infinito de possibilidades contidas em um desenho, para que sejam feitos pensando em despertar e trazer à tona essas histórias que nascem na imaginação de cada um.

## REFERÊNCIAS

AUMONT, J. **A imagem**. 6.ed São Paulo: Papyrus, 2001. 317 p.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6. ed São Paulo: Cortez, 2003. 160 p.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins, 2005. 168 p.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006. 77p.

COLASANTI, Marina. **Uma ideia toda azul**. São Paulo: Global Editora, 1979. 64 p.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 1995. 131 p.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 2004. 239 p.

EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir (orgs.). **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas, SP: Papyrus, 2009. P. 11-37.

FALLGATER, Ketleen Viviane. O desenho motivado pela leitura de imagens. In: PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Korting (Orgs.) **Reflexões sobre o ensino das artes**. Santa Catarina: Univille, 2003. 151 p.

GIRARDELLO, Gilka. **O Florescimento da Imaginação**. In. Seminário Educação, Imaginação e as Linguagens Artístico-Culturais, 1, 5 a 7 de setembro, Criciúma. **Anais...**Criciúma: UNESC, 2005.

HALLAWELL, Philip. **À mão livre**: a linguagem e as técnicas do desenho. 2. ed São Paulo: Melhoramentos, 2006. 72 p.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. As experiências com literatura nos relatos das crianças: abrindo espaços de narrativa. 87f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

LIZÁRRAGA, Antonio; PASSOS, Mari José Spiteri Tavoraro. Havia uma linha

esperando por mim: conversas com Lizárraga. In: DERDYK, Edith (org.). **Disegno. Desenho. Desígnio**. Senac: São Paulo, 2007. 311 p.

MARTINS, Miriam Celeste, PICOSQUE, Gisa, GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino da arte: A língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2012.

NEVES, Cármen. **O sapo, a rainha e o maior dos sentimentos – o amor!** Santa Catarina: JC Dias, 2012. 72p.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos jardins boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 171 p.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. Arte, educação e cultura. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.) **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007. 367 p.

RUDEL, Jean. **A técnica do desenho**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1980. 107 p.

SALLES, Cecília Almeida. Desenhos da Criação. In: DERDYK, Edith (org.). **Disegno. Desenho. Desígnio**. Senac: São Paulo, 2007. 311 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001. 215 p.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2006. 123 p.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

FREITAS, Neli Klix, ZIMMERMANN, Anelise. **A ilustração de livros infantis: uma retrospectiva histórica**. 2006. Disponível em: <[http://www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume2/numero2/humanas/Neli%20-%20Anelise.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/humanas/Neli%20-%20Anelise.pdf)> Acesso em: 24 mai. 2012.

MACÊDO, Luciana Vasconcelos. **A última princesa: Pensando a ilustração do livro infantil: uma produção em gravura**. 2012. Disponível em: <[http://bdt.d.ufg.br/tesdesimplificado/tde\\_arquivos/11/TDE-2010-09-09T110823Z-1028/Publico/dissertacao%20a%20ultima%20princesa.pdf](http://bdt.d.ufg.br/tesdesimplificado/tde_arquivos/11/TDE-2010-09-09T110823Z-1028/Publico/dissertacao%20a%20ultima%20princesa.pdf)> Acesso em: 22 mai. 2012.

ZIMMERMANN, Anelise. **Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras.** 2006. Disponível em:  
<[http://www.gpae.ceart.udesc.br/artigos/artigo\\_anelise\\_zimmernann.pdf](http://www.gpae.ceart.udesc.br/artigos/artigo_anelise_zimmernann.pdf)> Acesso em: 22 mai. 2012.

**APÊNDICE(S)**

## AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, RG  
Nº \_\_\_\_\_ concordo em participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Artes Visuais - Bacharelado proposta por Camila Niero Nazário sobre Ilustração Narrativa e Imaginação e sei que posso desistir de participar a qualquer momento, sem problema algum. Deixo que usem na pesquisa e mantenham guardadas na UNESCO as minhas falas e material escrito ou outros trabalhos feitos por mim.

\_\_\_\_\_(assinatura da  
criança/jovem)

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_,  
residente \_\_\_\_\_, autorizo  
meu/minha filho/filha \_\_\_\_\_, a  
participar da pesquisa proposta por Camila Niero Nazário da UNESCO, sobre Ilustração Narrativa e Imaginação no dia 11/05/2012. Autorizo, ainda, que sejam feitas imagens a partir de câmera digital das atividades realizadas, para uso da pesquisa e para fazer parte do acervo mantido pelo curso de Artes Visuais - Bacharelado

Por ser verdade, firmo o presente.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

(Assinatura)

**ANEXO(S)**

## **TEXTOS PRODUZIDOS DURANTE A OFICINA**

**(sem título)**

Camila

E foi assim que desistiu de seu sonho. A leveza da dança se torna passado e sua essência poética se extingue. Tudo o que mais queria era se esvair entre a penumbra da noite e o obscuro das sombras. Não mais poderá encantar pessoas. Não mais arrancará sorrisos da platéia. Não mais voar em devaneios. Sua vida se resumi agora plana, não mais plena.

### **A Princesa e a Raposa**

Simone

Era uma vez uma princesa chamada Sara que vivia no castelo da família real. Seus pais, o rei Cezar e a rainha Bernadete tinham um cuidado um pouco exagerado com ela. Sara era triste, pois era mantida em seu quarto durante todo o dia, como um cativo, só saía dali para fazer suas refeições a mesa junto da família real, todas as outras atividades eram realizadas em seu quarto.

Todos os dias Sara esperava ansiosa a chegada da noite. Durante a noite era o único período que a princesa era feliz, ela recebia a visita de sua grande amiga. Quando o sol se punha, a brisa que soprava e empurrava levemente as cortinas era fresca, começava a escurecer. Sara olhava pela janela e a visita que ela tinha era de um céu lindo e estrelado, além de uma enorme árvore sem folhas. Já era inverno, os pássaros ali pousavam durante a noite e junto a eles sua grande amiga, a raposa.

A raposa era a amiga que lhe fazia visitas todas as noites. Certa noite Sara cansada daquela vida triste e cheia de regras, resolveu fugir com sua amiga raposa para morar na floresta.

Quando amanheceu o rei e a rainha notaram sua falta e desesperados saíram a sua procura pela floresta. Depois de vários dias de angústia e desespero, enfim

encontraram a princesa e a raposa. Aliviados, todos voltaram para o castelo, inclusive a raposa, que passou a fazer parte da família.

A partir deste dia, Sara começou a ser tratada como uma menina normal e teve mais liberdade.

## **Resistindo ao Tempo**

Daniela

Uma moça muito bonita e encantadora vivia em um mundo que ela construiu em sua imaginação, cuidando de um rei e seus entes queridos. Viveu muitos anos, tinha todo o tempo para eles, pois dedicava sua vida com muito amor e carinho, esquecendo de si mesma. Os anos se passaram e ela não percebeu, pois nunca abria as janelas do seu mundo para o mundo exterior. Não conhecia o outro lado da vida, pois não queria se desconstruir, se achava feliz como era e como vivia. Agradecia a Deus todos os dias por tudo que estava ao seu redor a pesar de não ter nenhuma riqueza, gostava do que possuía e da vida que levava, pois era uma vida tranqüila em meio a natureza e seus afazeres, até que um dia alguém tentou ela pra ir além de seu mundo, mas ela resistia, lutava para continuar sendo exatamente assim, pois era seu sonho viver e morrer ao lado de seu maior ídolo que era o seu rei.

Ele mandou deixar que ela ousasse, mas muito triste ela achou que ele estava abusando dela e da sua dedicação. Não era bem essa a ideia dele, porque ele se mostrava um homem forte, de atitude, independente, inteligente e determinado.

Com muito tempo e dedicação ela aprendeu a perceber suas inúmeras qualidades. A aparência dele não era das melhores, pois mantinha quase sempre a cara fechada. Por trás da cara horrenda existia um ser muito maravilhoso por manter seu reino organizado e não deixava faltar nada para seus entes queridos. Atendia a todos com muito amor e dedicação, protegendo e conservando seu império dos predadores. Ele também lutava com muita garra. Ele sonhava em realizar os sonhos de seus entes por era super protetor.

Eles gostavam daquele jeito do rei, mas estavam percebendo que ele já estava se cansando por que tinha que resolver todos os problemas sozinho, até que os entes mais velhos resolveram descruzar os braços e fazer alguma coisa para proteger seu rei de um abalo emocional. Então ficaram tranquilos por muito mais tempo e o réi mudou sua expressão, pois na realidade não era a cara feia, mas todo o stress que provocaram essa reação, porque ele era um homem muito bom, e ela era uma moça muito dedicada, mas que aprendera a se desconstruir na medida certa sem prejudicar o seu mundo.

## **Amor Verdadeiro**

Kelli

Uma vez, num castelo grandioso, vivia uma princesa que estava presa em um quarto fazia cinco anos. Ela estava presa porque um dia sua desobediência resultou em um castigo que lhe custou a sua liberdade.

O amor que ela sentia por um plebeu era mais forte do que a solidão que teve que passar para esperar que um dia ela pudesse se encontrar com seu grande amor.

Ela conheceu Pedro, em uma primavera do ano de 1838. Aos seus 13 anos de idade, quando corria nos campos de flores ao redor do seu palácio, viu Pedro, um empregado de sua família, a família real, e no mesmo instante se apaixonou por ele, e ele por ela. A partir daí todos os dias ela ia passear no campo. A troca de olhares se tornou constante. Foi ai que Pedro se sentiu encorajado a procurá-la e começaram um romance.

Os dois estavam cada vez mais apaixonados, mas eles tinham consciência de que esse amor nunca seria aprovado pela família dela.

Chegou um dia em que eles perceberam que a única forma de ficarem junto era fugindo. Então numa bela noite, juntaram algumas coisas pessoais e resolveram fugir. Eles ainda não sabiam para onde iriam, a única certeza era a de que queriam viver esse amor.

No meio da noite, o pai dela, o rei, não conseguia dormir. Então foi até a varanda de seu quarto para poder arejar a cabeça. Foi quando viu na janela de sua filha uma corda feita de lençóis. Ele correu e gritou para os guardas do palácio que saíssem em busca de sua filha. Eles saíram e a encontraram com Pedro. Levaram-nos ao rei e o rei ordenou que Pedro fosse enforcado e que sua filha ficasse presa em seu quarto até que se arrependesse de ter se envolvido com um plebeu. Ela olhou pela última vez para o grande amor de sua vida e gritou:

- Prefiro passar o resto de meus dias presa em meu quarto e presa ao amor que sinto por Pedro do que um dia ter que me casar com alguém que não amo.

Pedro foi enforcado e a princesa passou cinco anos em seu quarto, somente com sua amiga raposa, até que um dia de tanto sofrer a perda do seu grande amor, ela entra em uma tristeza profunda e depois de vários dias sem se alimentar, ela adormece para ir ao encontro do seu amor.

**(sem título)**

Bárbara

Havia uma menina que adorava animais, sempre que via um passando pela rua, parava para acariciar ou somente ficava olhando.

Todas as noites antes de dormir, ela ficava na janela admirando uma raposa que havia na árvore entre outros animais. Isso se repetia quase todos os dias. Seu amor por bichos era muito grande, especialmente por raposas. Até que chegou um dia que a pequena menina foi procurar a sua raposa, e ela já não estava mais lá.

Logo que amanheceu, lá foi a menina procurar seu bichinho na rua, e lá estava, no chão morta. Dali em diante suas noites não foram mais as mesmas sem poder ver sua raposa.

**(sem título)**

Juliel

Era uma vez uma raposa que vivia querendo ser uma coruja. Mas tinha um problema, ela não sabia voar.

Ela tinha uma mãe coruja que tinha achado ele bebe. Ele comia minhoca e fazia tudo que um bebe coruja fazia. As raposas tentavam convencer ele a não agir como uma coruja mas não deu certo.

Um belo dia a raposa tentou voar pulando da maior árvore da floresta. A raposa caiu um tombo que nunca mais subiu em uma árvore.

Os amigos delas convenceram a raposa a agir como a espécie dela e hoje ela é como toda raposa.

## **Mistérios da Noite**

### **Cristal**

De minha janela no escuro da noite vejo feixes de luz. A lua me faz companhia nessa solidão...

Em meio à floresta, urros e barulhos que o vento conta por entre as árvores por toda a madrugada.

Na calada da noite, um amigo me visita, a raposa é minha fiel companhia, e muito almejada por vossa majestade, uma pessoa rude e vazia, propositada em sua beleza, mata impiedosamente os animais da floresta apenas para deleitar-se em suas peles. Ela é fria e visa apenas sua beleza e seu bem estar.

Meu pai o rei, quer nossa amizade, mas não posso, minha moral me impede de estar perto de uma pessoa sem escrúpulos como ela.

O maior hobby da rainha é sair todos os dias ao amanhecer pela floresta com seus cães bravos, ferozes e vazios como ela.

A raposa, minha fiel amiga é o alvo certo para eles, frágil e indefesa, ela e outros animais buscam abrigo nas mais altas árvores da floresta de onde saem somente na escuridão da noite.

A floresta é repleta de mistérios. O alvorecer e o sol explícito escondem seus mistérios e suas ilusões. A maldade da rainha rende a floresta aprisionando seus bens até o anoitecer.

No anoitecer é que tudo se revela, tudo acontece, as estrelas e a lua são testemunhas de tamanha liberdade que se instala na floresta, onde o medo é expulso pela escuridão elucidando os mistérios e dando vida a floresta, onde a imaginação é quem comanda a floresta.

### **Livre para Viver**

Melissa

Numa tarde cavalgando num bosque, no meio de muitos verdes perto do palácio, numa cidade chamada Esperança, o Rei Arthur e a rainha Elizabete passeavam com seus belos cães.

No meio do caminho, encontraram uma raposa. Os cães ficaram furiosos ao ver a raposa, mas o Rei Arthur resolveu levar a raposa de presente para sua filha, a princesa Rafaela. Ela adorou o presente, mas infelizmente a princesa sabia que o lugar da raposa não era no palácio, e sim livre para viver. Sua despedida foi muito triste.

Escureceu e a raposa voltou para o bosque. Chegando lá a raposa subiu em árvores secas e lá encontrou belas aves exóticas.

Os animais têm que viver livres, nem todos são animais que podem conviver com nós, seres humanos.

### **(sem título)**

Jéferson

Era uma vez em uma terra muito distante na Europa Central, um reino que vivia em pleno harmonia. Todos se ajudavam, não existia desonestidade e nem trapaça, só pessoas dispostas a trabalhar em sintonia. Certo dia chegou nesse reino um sujeito muito estranho. Dizia a todos que era um consultor financeiro e que ali estava tudo desorganizado. Logo o rei ficou sabendo desse sujeito e mandou que ele fosse a seu encontro. Logo foi aconselhando o rei com suas ideias, dizendo que

estava tudo errado e que o povo deveria trabalhar em pro do rei, obedecendo todas as ordens e pagando altíssimos impostos.

E assim o rei fez, o povo foi ficando miserável, as crianças com fome e os animais começaram a morrer por falta de cuidados e pestes.

Certo dia o rei, a rainha e o conselheiro foram em uma caçada no bosque com os cães, quando avistaram a raposa. Ficaram contemplando os cães raivosos latirem com raiva, só que ali perto estavam várias pessoas armadas esperando o tempo certo para atacar, e assim foi feito. Mataram o rei e sua rainha. O consultor fugiu e do alto da colina sorriu e pensou “fiz um bom trabalho, destruí mais um reino.” Esse sujeito era o mal.

### **A Princesa Morta**

Daniel

No castelo o pai e as filhas estavam arrumando-se para um grande baile. As filhas dançaram e beberam.

Quando acabou a festa, o pai escutou uma irmã berrar. Viu a outra morta no chão. Chamaram a funerária para levar e enterrar o corpo da princesa.

Voltaram para o castelo. A empregada viu uma raposa no quarto da princesa, a irmã falou pro pai que a raposa era dela, se soltou da coleira e matou a irmã. O rei mandou matar a raposa por causa da princesa morta.

O pai escuta a voz da princesa morta berrando até hoje no quarto dela.

### **O Reino dos Cavalos Verdes**

Veridiana

A Rainha Rafaela-Florentina, seu esposo Louis Jorge IV e o súdito Francisco, caçavam raposas amarelas para esquentar o sempre frio pescoço da Rainha que foi amaldiçoado por uma bruxa maléfica e invejosa que quando viu a bela e formosa

princesa a odiou tanto que lhe jogou um feitiço: “Nunca terás o pescoço quente, bela princesa, seu pescoço será frio como as geleiras.”

E assim cresceu a bela princesa Rafaela-Florentina do Pescoço Frigido. Por ser tão, mas tão frio, nada esquentava seu pescoço. Nenhum tecido era capaz de esquentá-lo até que um dia caminhando os campos do reino, avistaram um animal peludo de aparência aconchegante e o capturaram para por fim, poder esquentar o pescoço de Rafaela-Florentina. Desde então a princesa caçava raposas pela floresta para poder aquecer seu pescoço.

A princesa cresceu e se transformou em Rainha quando casou-se com Louis Jorge IV e o ritual de caça as raposas ainda era praticado. Florentina fazia questão de caçar suas raposas com seus cães predadores do reino. Até que um dia encontraram uma raposa que não se intimidou com os cães nem com os cavalos do Rei, sua Rainha e súdito. A raposa os enfrentou de forma corajosa. Rainha assustada com a ousadia da raposa, a deixou ir e a raposa sentiu-se livre pois por um momento seu instinto a alertou da morte, e a encorajou a tomar a frente para defender sua vida.

Diante da sensação de liberdade do animal, ela correu livre até anoitecer. Quando a lua brilhou, a raposa decidiu toca-la. Subiu até o topo de árvores secas e uivou para a lua. Neste momento a rainha Rafaela-Florentina sentiu um queimor em seu pescoço, um calor que ela nunca sentiu e que não conseguia aguentar. Desde esse dia a Rainha Rafaela-Florentina nunca mais teve seu pescoço frio e aboliu toda a caça no reino.

A Rainha sentiu a mesma sensação de liberdade que a raposa sentiu ao encarar seus “predadores” e libertar-se deles.

E nunca mais se ouviu falar em caça no Reino dos Cavalos Verdes.

**(sem título)**

Lucas

Todos olhando para o céu, para noite iluminada pela formosa lua. Entrelaçados entre os galhos secos de uma milenar árvore. Todos os quatro guardiões do reino Bluck. Tal reino governado pelo Rei Arthus.

A reunião começou em clima tenso. O líder dos guardiões, acusado de desonrar seu juramento. Acusado de apaixonar-se pela filha do Rei, a Princesa Cleer.

Todo esse romance começou em uma noite onde Bauto, o líder dos guardiões fazia seu trabalho de todas as noites. Rodava o castelo do Rei fazendo sua segurança. Certo momento na madrugada, barulhos estranhos ecoavam do quarto da Princesa. Bauto sempre atento chegou logo ao local dos ruídos, deparando-se com a princesa em desespero, chorando assustada, falando que teve pesadelos horríveis, que tinha medo de seu futuro. Com quem se casaria?

Bauto então aproveitando a situação, declarou todo o seu amor à Princesa, mesmo ele sabendo que seria contra o seu juramento.

Foi por esse ato que sua expulsão dos guardiões foi decretada. Após anos de companheirismo, Bauto deixa seus companheiros continuarem sua missão e parte sozinha em busca de novas aventuras.

**(sem título)**

Daiane

Naquela noite resolvi que realizaria meu sonho. Um sonho que todos achavam muito louco. Um sonho louco até para os mais loucos.

Nunca me importei para o que os outros falavam e se me apontavam, eu queria ser feliz. Vou contar meu “louco” sonho. Sou Dona Raposa, daqui de baixo vejo lindas aves e meu sonho é ser uma delas, poder voar, morar em árvores. As penas coloridas, o canto maravilhoso...

Contei este sonho para meus amigos, no começo riram, choraram de tanto rir, depois me apontaram e por fim se afastaram.

Me senti solitária, mas eu não desisti. Fui em frente, às vezes ficava tão obcecada que deixava até de comer, de beber.

Resolvi então que não adiaría mais este sonho, pois eu teria que acabar com aquele sofrimento, sim pois já estava se tornando um grande sofrimento.

Subi na árvore o mais alto que pude, muito alto mesmo, as aves já estavam nervosas, algumas riam. E então quando achei que já estava no ponto mais alto, me joguei.

Querem saber o que pensei? Se existisse um poder maior e com a fé que tenho em meu sonho, criarei asas e não me espatifarei no chão.

É, eu sei, foi loucura. Mas apesar de estar aqui no chão a três dias agonizando, me sinto completamente realizada.

## **O Rei Traído**

Maíra

Então quando o rei, a rainha e o guardião chegaram na floresta, os cachorros alvoroçados latiram e espantaram os cavalos, fazendo com que o povoado se aproximasse deles. Para o povo, a rainha era safada, pois haviam histórias que ela tinha um caso com o próprio guardião que os acompanhavam. O rei como não sabia de nada, não suspeitava do caso. Ele era muito querido pelo povoado, todos queriam seu bem. Até que um dia ao visitar a vila, algo estava muito estranho. Todos olhavam cabisbaixo, ninguém dirigia a palavra ao rei. Quando ele passara na frente de um boteco, um lenhador embriagado, ao ver o rei berrou:

- Ô seu corno!

O rei logo em seguida olhou e andou em direção ao bêbado que mal ficava em pé e lhe perguntou de que ele estava falando.

O dono do lugar correu para fora do boteco e pediu que ele calasse a boca. O rei mais uma vez perguntou:

- O que você está falando meu rapaz? Segurando em seu braço.

O bêbado respondeu:

- Vossa alteza, a sua rainha lhe trai com seu próprio guardião.

O rei deu um suspiro e logo falou:

- Do que você está falando? Como você pode falar isso? Você está bêbado meu rapaz...

Então o bêbado respondeu:

- Vossa alteza, mil perdões, pode me prender na cela do seu castelo, mas não poderia deixar que enganassem vossa alteza, todos na vila sabem...

Então o rei com os olhos cheios de lágrimas subiu em seu cavalo e foi em direção ao seu castelo. Ao chegarem no castelo, a rainha como de costume vinha carinhosamente, como se nada tivesse acontecido. O rei tratou ela normalmente como se não soubesse de nada.

Passaram-se alguns dias, o rei pediu a ajuda dos seus outros guardiões para pegar a rainha no flagra.

Num belo dia de manhã, ao acordar, a rainha levantou de sua cama e com a ajuda de sua criada se arrumou e se perfumou como nunca tinha feito antes. O rei, ao observá-la fingiu estar doente e continuou deitado em sua cama. A rainha logo perguntou:

- Querido, você está bem?

Logo o rei falou:

- oh querida, não estou me sentindo bem, pede para a criada trazer meu café que hoje ficarei na cama....

A rainha atendeu o pedido do rei e trouxe seu café. Ao sair do quarto, a rainha desceu as escadas, foi em direção a cozinha do castelo e chamou o guardião:

- Alfredo, desejo que me leve a vila para visitar uma amiga.

Então Alfredo respondeu:

- Sim vossa alteza, eu a acompanho até a vila.

Os dois montaram no cavalo e saíram do castelo em direção a vila. O rei ao ver a rainha sair, desceu correndo as escadas, foi até a cozinha, pegou uma faca, chamou os guardiões e foram seguindo a rainha.

Numa estrada a caminho da vila, a rainha e seu guardião entraram floresta a dentro. O rei como a seguia, se escondeu atrás de uma árvore e vigiou para ver o que ela fazia. Ao descerem do cavalo, a rainha logo foi agarrando e se despindo, o guardião a beijava com beijos ardentes e a abraçava loucamente. Então o rei ao ver

a cena, foi em direção aos dois com a faca na mão e cravou no peito da rainha. O rei berrava:

- Morre, sua piranha traidora!

O guardião desesperado saiu correndo, mas os guardiões do rei que estavam cercando em volta, o pegaram e bateram nele até a morte. O rei desnordeado subiu em seu cavalo e foi em direção à vila. Ao chegar na vila, saiu berrando no meio do povoado:

- Eis aqui um rei, que foi corno pela sua rainha e não será mais, pois acabei de cravar a faca no peito daquela piranha, e tomei minha honra de volta.

Todos ficaram assustados, mas respeitaram, e a partir daquele dia, o rei teve sua honra novamente e foi feliz para sempre.

**(sem título)**

Caroline

Rosa era uma das muitas meninas de família pobre, que vivia em um país qualquer. A história dela é muito parecida com a das meninas de sua condição.

A família de Rosa, desesperada com as dívidas (impostos e mais impostos). As terras onde moravam e plantavam seu sustento (em tempos de feudalismo), pertenciam a um velho asqueroso, o “imperador”.

O resto da história é fácil de adivinhar. Ela foi o produto vendido a preço barato para quitar as dívidas da família.

O velho comia e se deliciava com o pedaço de carne nova.

Rosa parou de sonhar, e teve o triste destino de muitas meninas dos tempos de lá. Até hoje, viver com uma lágrima sempre pronta para se derramar dos olhos até a boca.

**(sem título)**

Helen

O relógio suava 10h

E a lua era a mesma do dia seguinte.

O dia era o mesmo do dia seguinte

Eu era o mesmo do dia seguinte

O vento ruge

O galho se quebra

Alguém me chama

Será mães?

Será alguma voz conhecida?

Ou a loucura que se aproxima.

Folha seca, meia amarela, picolé de uva, paradoxo, gato magro, céu azul, carocha seca.

Alguém se aproxima

E algo me diz que não é mãe

Muitos pensamentos...

Tudo em volta.

(momento de silêncio.)

**(sem título)**

Geana

Em uma noite fria, onde o vento soprava forte, uma raposa perdida viu que os pássaros voavam nos galhos das árvores secas, por causa do inverno rigoroso que se abatera naquela cidade. Mas a raposa sem refúgio resolveu subir nos galhos para ter a companhia dos pássaros e não precisar ficar só naquela noite fria.

Porém Melca, a filha do príncipe Arthur e da princesa Lara estava na janela de seu quarto observando a noite lá fora, e de repente ela viu essa raposa tentando se equilibrar em cima dos galhos das árvores. Assustada, Melca saiu correndo de seu quarto para acolher a raposa que poderia cair a qualquer momento de cima das

árvores. Chegando no local que ficava a baixo da janela de seu quarto, Melca chama a raposa ao seu encontro, e a raposa necessitando de alguém, desce das árvores e vai até Melca, que lhe faz um cafuné na cabeça.

Depois disso a filha dos príncipes resolveu levar a raposa para o palácio, chegando em seu quarto, Melca aproxima-se da janela onde o vento batia forte e balançava as cortinas, e posta na frente da raposa, pega sua carinha, segura em suas mãos e diz olhando nos olhos da raposa: Você raposinha linda se chamará “Fofinha”.

Mais tarde, Melca pega Fofinha e a leva ao quarto de seus pais para contar a eles o acontecido daquela noite. Ao entrar no quarto, Melca se assusta ao ver sua mãe se arrumando em frente ao espelho, pois ela estava indecisa e não sabia o que iria vestir para o jantar que daria naquela noite em seu palácio, mas deixando de lado os modos da mãe, Melca relata o acontecido e apresenta a raposa “Fofinha” para seus pais.

Os dois não gostam muito da situação de ter uma raposa no palácio, mas por fim acabaram aceitando a situação e Fofinha entra para a família dos príncipes e todos acabam se dando super bem, tanto que numa manhã de céu azul, o príncipe Arthur, sua esposa Lara e o irmão do príncipe, Acor, resolvem dar uma cavalgada e a raposa Fofinha os acompanhou. Junto foram os cachorros Bob e Coli que não simpatizaram muito com a raposa e viviam à enfrenta-la, mas mesmo assim todos acabaram aprendendo a conviver juntos.

**(sem título)**

Janile

Numa certa manhã, onde a brisa da manhã tocava a copa das árvores e das montanhas ao longe, localizava-se uma floresta. Um casal de reis morava não muito distante da floresta, e nesta manhã de sol, o rei e a rainha com seu mordomo decidiram dar uma cavalgada para apreciar o lindo dia e fazer um pic-nic na floresta perto de um riacho, um local que encantava qualquer pessoa que chegasse ali.

Eles se prepararam e pediram para o mordomo pegar também os cães de caça para qualquer precaução de algum animal selvagem. Então ao atravessarem a porteira, pegaram o caminho pelos bosques rumo a floresta, mas ao entrarem pelas matas da floresta, ouviram um barulho estranho. Os cães já ficaram um pouco alarmados, e os cavalos assustados, porem mesmo assim continuaram cavalgando. De repente surge um vulto na frente deles. Todos levam um grande susto, e ao depararem viram que não passava de uma pequena raposa.

Os cães, para defenderem os donos, começaram a uivar e avançar na pequenina raposa indefesa, portanto a rainha muito empolgada com o lindo animal, grita com os cães para pararem. Ela desce do cavalo e vai ao encontro da raposa e percebe que ela só quer carinho e atenção. O rei vendo que a rainha ficou tão empolgada e feliz com a raposa, lhe diz docemente: “minha rainha, vejo pelo seus olhos que esse pequeno animal tocou seu coração e percebo que você deseja-o. Pega-o e traga conosco, pois ela vai pertencer a nós agora, e iremos trata-la como o filhinho ou a filhinha que não podemos ter”. Então a rainha olha para o rei com os olhos marejados de lágrima, e lhe diz: “meu amor, eu te amo e iremos tratar essa pequenina raposa com muito amor e carinho.” Eles tão comovidos por esta raposinha ter surgido assim a procura de alguém, perceberam que ela estava triste e sozinha, precisando de carinho. Então colocaram ela em cima do cavalo e voltaram para casa para tratar e cuidar muito bem dela.

Por fim, esse casal de reis ficaram muito felizes por terem encontrado este lindo animal naquela linda manhã, que a partir daquele dia a vida deles mudou muito para melhor. Porque aquele animal daquele dia em diante fez parte de suas vidas.

## **Reino Animal**

Bruno

Havia em uma terra distante, uma família onde seu grau social era a nobreza, sendo eles integrantes da realeza.

A filha mais nova do rei possuía apenas uma amizade. Parece estranho, porém não ter amigos humanos é um tanto normal com boa parte das pessoas. Ela não confiava muito em sua família. Sua verdadeira amizade era a raposa.

Seu pai, um bom homem, por mais que tentava unir a sua filha mais nova com a mais velha, ambas não se davam uma com a outra e assim estavam dispostas a ficar.

Por outro lado, sua mãe não se importava com o que poderia estar acontecendo com suas filhas e nem com o reino. Estava interessada apenas no seu bem estar.

Já seu irmão, que era obcecado pelo poder, estava a todo o momento planejando tomar o reino, e sendo a raposa uma amiga da princesa, a mesma ficaria de guarda para que o reino não fosse tomado.

Com o passar do tempo foi assim: rainha esnobe, irmão da rainha invejoso, irmãs não se falando e apenas a raposa tomando conta do reino com demais pássaros e animais que o habitavam.

## **O Universo**

Izaltina

No universo existe algo legal, como é a relação entre as pessoas e os animais. Porque a interação do homem com os bichos e a natureza é linda. O homem tem admiração por todo o universo e os animais também.

Assim como eu admirava as estrelas que é algo lindo, os animais também. Quando era criança, subia nas árvores pois achava que iria alcançar o céu. Nesse desenho, é como se os animais estavam encima das árvores observando tudo que existe no mundo.